

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

ATA Nº 099 - “B”

PRESIDENTE - DEPUTADO RENE BARBOUR (*AD HOC*)
1º SECRETÁRIO - DEPUTADO CARLOS BRITO (*AD HOC*)
2ª SECRETÁRIA - DEPUTADA SERYS SLHESSARENKO (*AD HOC*)

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - A Presidência declara aberta a presente Sessão Solene em comemoração aos 20 anos de anistia política, que foi solicitada pelo Deputado Gilney Viana.

Convido o Sr. Deputado Carlos Brito e a Srª Deputada Serys Slhessarenko para assumirem, respectivamente, a 1ª e 2ª Secretarias.

(O SR. DEPUTADO CARLOS BRITO E A SRª DEPUTADA SERYS SLHESSARENKO ASSUMEM A 1ª E 2ª SECRETARIAS, RESPECTIVAMENTE.)

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - Convido, ainda, para tomar assento à mesa o ex-Deputado Federal Gilson de Barros e o Sr. Carlos Reiners (PALMAS).

(NESTE MOMENTO, O SR. EX-DEPUTADO FEDERAL GILSON DE BARROS E O SR. CARLOS REINERS TOMAM ASSENTO À MESA).

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - Convido todos a porem-se de pé para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(NESTE MOMENTO É EXECUTADO O HINO NACIONAL - PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - A Presidência registra com satisfação a presença na Casa do Sr. Deputado Everaldo Simões; do Sr. Luiz Batista Filho, Presidente do Sindicato dos Bancários, da Srª Verinha Araújo, Presidente do SINTEP, sub-sede Cuiabá; do Sr. Jorge Nascimento Pereira, representando o Movimento Popular de Saúde; da Srª Márcia de Campos, representando o Centro de Direitos Humanos Henrique Trindade, do Sr. Luiz Fernando Rogério, Vice-Presidente do Conselho Estadual de Saúde de Mato Grosso; do Sr. Deputado Estadual Carlão Nascimento; do Sr. Deputado Estadual Hermínio J. Barreto; do Sr. Deputado Gilney Viana.

Registramos, ainda, a presença dos alunos de Jornalismo do IVE -Instituto Várzea-grandense de Educação; da Srª Enelinda Scala, vice-Presidente do PT em Mato Grosso; do Sr. Sivaldo Dias Campos, representando o Partido dos Trabalhadores; da Srª Lílian Guedes, Chefe do Departamento de História da Universidade Federal; da Srª Iara Xavier Pereira, da Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos, esposa do Deputado Gilney Viana; do Vereador Salvador, do Município de Poconé.

A Presidência concede a palavra à Srª Iara Xavier Pereira.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

A SR^a IARA XAVIER PEREIRA - Boa-noite!

Neste ato nós vamos lembrar os 20 anos da anistia política.

Nós, familiares dos mortos e desaparecidos políticos, nos engajamos na luta em favor da anistia ampla, geral e irrestrita, pois almejávamos uma anistia que realmente significasse a pacificação do País, uma anistia que resgatasse da penumbra dos porões da ditadura todos aqueles que combateram, de uma forma ou de outra, aqueles anos da ditadura.

Então, nós, enquanto familiares dos mortos, víamos nessa anistia a possibilidade do retorno de mais de cinco mil exilados do Brasil, que possibilitaria ainda abrir as prisões onde havia jovens que estavam cumprindo pena há mais de dez anos, e esses jovens, esses presos políticos, eram as testemunhas vivas de todos os crimes que a ditadura cometeu. Eles, no nosso modo de ver, eram nossos filhos, eles representavam nossos maridos, nossos irmãos que foram assassinados, e muitos deles testemunharam as torturas e mortes dos nossos parentes. Por isso, desde o início houve uma união entre a nossa luta e a luta em favor da anistia.

De todo o Brasil, principalmente dos maiores Estados, saíram caravanas de familiares dos mortos e desaparecidos: da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo... Nós saímos do Rio de Janeiro para juntos, lá no Congresso, tentar convencê-los ainda - naquela época eram só dois partidos, o MDB e a ARENA - que era preciso ter essa anistia ampla, geral e irrestrita, que a sociedade clamava, para que se pusesse um basta naqueles anos de terror.

Hoje, relatando para uma repórter, ela se mostrou muito assustada quando eu disse que o nosso ônibus, onde só tinha mães, esposas, irmãs, inclusive crianças, sofreu um atentado, atiraram nos pneus do ônibus, tentando impedir que aquela caravana entrasse em Brasília. E ela admirou-se: “Mas era 1979!” E eu falei que, mesmo sendo 1979, esses setores ainda tinham medo. Tinham medo de senhoras de cabeça branca, de jovens esposas, como eu viúva, irmãs e filhos. Nós ainda éramos uma ameaça àqueles militares.

Nós entramos em Brasília. Fizemos uma campanha. Perdemos por pouco - está aqui o Deputado Gilson de Barros - foi 204 a 197 votos. E o que nos deram foi uma anistia parcial. Uma anistia que discriminou militante que havia praticado o mesmo tipo de delito que fora cometido por eles. Uma anistia que não garantiu a liberdade dos nossos presos políticos. E uma anistia perversa, maldosa, que anistiou todos os torturadores, todos os policiais, todos os agentes de repressão que cometeram os crimes de lesa-humanidade que são imprescritíveis, que era o de tortura - é você, tendo um preso já indefeso, sob a guarda do Estado, matar, torturar, mutilar. E, no cúmulo de sadismo, em que o Brasil foi inovador, inclusive depois exportou para mais de oito países da América Latina e Central, desapareceu com esses restos mortais, não permitindo sequer que aquelas famílias pudessem sepultar os seus mortos, chorar e cumprir os ritos nossos religiosos, de acordo com a religião de cada um.

Então, ao longo desses anos, nós, que, desde meados de 1974, já havíamos percorrido os Ministérios, nos entrevistando com os generais para saber os paradeiros dos nossos familiares, continuamos nesta luta, porque a anistia do Sr. João Figueiredo não deu sequer o atestado de óbito. Continuamos viúvas sem ser viúva, órfãos sem ser órfão e mãe sem poder sepultar os filhos. E, assim, uma comissão de familiares continuou essa luta, uma luta de resgate; primeiro, tentando recuperar os restos mortais para sepultar, e, no segundo passo, lutando para recuperar a história desses jovens, recuperar e resgatar a memória deles. Quando eu digo jovens é porque mais de 50% tinham menos de vinte e cinco anos. Esses são dados do “Brasil Nunca Mais”.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

E, nessa luta, ao longo desses anos, nós fomos coletando dados, informações e prova de que sistematicamente os agentes da repressão mentiram e falsificaram. A grande maioria desses jovens, agora está provado, quase todos foram mortos, após feridos em tiroteio, sim, mas mortos já indefesos, inclusive os grandes líderes da resistência armada como Carlos Marighella, Carlos Lamarca, Toledo, Mário Alves, que foi barbaramente seviciado na P.E. do Rio de Janeiro e Maurício Grabois, na Guerrilha do Araguaia. Eles não pouparam nem homem, nem mulher, nem por idade, nem por nada. A política da ditadura era de eliminação física, eles não se interessavam em manter presos, eles não tinham nenhum interesse em preservar aquele preso.

Então, hoje, passados vinte anos, nós podemos perguntar se foi válida a luta pela anistia. Sim. Eu considero que a luta da anistia foi válida, foi válida a luta que nós conseguimos ainda em 1995, quando o Presidente Fernando Henrique, que foi um exilado, nos deu também uma lei capenga de reconhecimento de desaparecido político sim, porque para nós cada pequena vitória é mais um passo, nós já nos acostumamos que tudo nosso é muito minguido, nossas conquistas custam sangue, dor, lágrima. É aos poucos que nós vamos conseguindo recuperar e resgatar como eles morreram e de que forma.

Então, o Presidente Fernando Henrique sancionou uma lei onde reconheceu a responsabilidade do Estado na morte e desaparecimento de 136 desaparecidos políticos, isso é, aqueles militantes que foram seqüestrados não tiveram a sua prisão anunciada e os órgãos de repressão desapareceram com eles da face do Brasil. Formou-se uma Comissão Especial para reconhecimento de novos casos, e hoje a lista oficial do Governo são de 300 vítimas que morreram sob a responsabilidade do Estado.

Por que é que eu digo que essa lei também foi perversa para nós, familiares? Porque ele deixou o ônus da prova para os familiares e mais ainda, o maior insulto do Sr. Presidente foi garantir a entrega dos restos mortais desde que o familiar desse o indício de onde estava sepultado aquele familiar dele. Ora, se eu não preendi, não torturei e não matei meu marido, como é que eu vou dizer onde ele está. Cabe a ele, o Presidente, Chefe das Forças Armadas exigir que as Forças Armadas abram os arquivos de Serviço de Inteligência deles, porque eles têm lá catalogado que fim eles deram aos 67 mortos da Guerrilha do Araguaia e onde está cada um deles. O atestado de óbito que o Fernando Henrique nos deu foi parecido com a morte presumida que o Figueiredo nos ofereceu. O Figueiredo ofereceu aos familiares um atestado de morte presumida. O Fernando Henrique nos deu um atestado em branco, onde, numa ironia do destino, consta o nome do falecido, e a *causa mortis* diz: morto segundo a Lei nº 9.140. Isso é, para quem é jurista, muito engraçado, é o único País que alguém morre em função de uma Lei. Mas, isso acontece no Brasil!

Hoje, nesta Sessão, nós estamos aqui resgatando uma luta que possibilitou o regresso de tantos exilados, que foi um passo decisivo na abertura democrática, que possibilitou a volta da democracia no Brasil. Mas, também, quero aqui lembrar de dois jovens mato-grossenses que se engajaram nessa luta contra o regime militar:

Jane Vanini, que era de Cáceres, que morava em São Paulo e se engajou na resistência armada, posteriormente, se exilou e o golpe no Chile a surpreendeu lá. Ela se engajou na resistência chilena e foi morta em 1974, por forças carabineiras.

Cabe destacar aqui que o Chile também teve uma Junta de Conciliação Nacional, a Lei do Chile chama assim, que foi mais avançada do que a do Fernando Henrique, pois a família de Jane Vanini pôde saber o dia em que ela morreu, que foi morta por força de

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

carabineiros e que foi morta em tal cidade. Os restos mortais dela estão em fase de identificação. Chegaram a um biotipo compatível numa das valas em *Concepción*, e tudo indica que deve ser a Jane.

Então, brevemente eu espero que ela retorne e possa ser sepultada.

O outro, é Merival Araújo, um jovem que saiu para estudar, de Alto Paraguai e foi estudar no Rio de Janeiro. Ele se integrou à Ação Libertadora Nacional. Merival foi preso durante sete dias, no dia 07 de abril de 1973, um dos períodos mais negros nossos.

Esse foi um dos casos que mais estarreceu a Comissão e, inclusive, a mim. Nós aqui desencadeamos uma campanha para localizar os familiares e dentro das pesquisas nossas, nós chegamos às fotos. No Rio de Janeiro a perícia técnica criminal foi feita em mais casos do que em São Paulo, onde havia uma convivência muito grande entre o IML e as forças de repressão. Então, nos casos do Rio de Janeiro, nós temos muitas fotos dos corpos mutilados e do Merival é um.

Eu tive muita vontade de expor as fotos, mas é realmente muito brutal! Como eu não pude falar com a família dele, para pedir autorização, eu optei por não fazer. Mas, esse caso sensibilizou até o general que representa as Forças Armadas. Essa Comissão do Governo tem sete membros, um deles é um general.

O corpo de Merival foi jogado numa praça pública e foi dito que ele morreu num tiroteio. Há escoriações, faltam pedaços da perna, do braço, de todo corpo, durante sete dias ele deve ter sofrido torturas inúmeras. Então, a ele nós dedicamos esta Sessão, eu particularmente como Comissão, e gostaria de deixar aqui aos jovens que estão presentes uma mensagem que foi deixada já há muitos anos, por um prisioneiro, um pouco antes de ser enforcado, dentro da masmorra, também no combate ao nazismo.

“Só peço uma coisa a vocês que vão sobreviver a esta época: não esqueçam, não esqueçam nem dos bons, nem dos maus. Juntem com paciência todas as testemunhas, todos os indícios daqueles que tomaram por eles e por nós. Um belo dia, hoje será o passado, e falarão de uma grande época e de heróis anônimos que criaram a história.

Eu gostaria que todos vocês soubessem que não há heróis anônimos. Eles eram pessoas, e tinham nomes, tinham rostos, tinham desejos e tinham esperanças, eles tinham um sonho, um sonho de um Brasil melhor.” Muito obrigada. (PALMAS DAS GALERIAS)

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - A Presidência concede a palavra, ao Sr. Carlos Reiners, preso político de 1964.

O SR. CARLOS REINERS - Eu não sou orador, sou professor, professor do interior, educador, sou um homem que tenho rumo, não sou um sem rumo.

Antes de iniciar as minhas palavras não posso deixar de fazer uma homenagem a alguns companheiros, como o velho Antônio Tomas de Aquino, que era um líder sapateiro aqui de Cuiabá - eu sou cuiabano, mesmo com essa cor, olhos azuis, mas sou cuiabano; ao Arcelino Granja, que foi preso em Campo Grande, mas foi um companheiro com quem nós tivemos uma luta intensa aqui no período que antecedeu o Golpe Militar, ele foi massacrado num trem de ferro quando se dirigia para São Paulo e, em função disso, veio a falecer; e a um português, que era vendedor, chamado César Teles, uma pessoa que nos deu uma orientação muito grande. E, também, à minha mulher, que em quase cinquenta anos de casados tem me agüentado, porque não fizemos a opção por ganhar dinheiro, por ficar rico, mas fizemos uma opção revolucionária de vida.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

Eu acho que esta homenagem que está sendo prestada hoje em função dos 20 anos de anistia chegou um pouco tarde aqui em Cuiabá. Lembro-me, quando fomos presos, que muita gente falava: “A ditadura não chegou aqui e está precisando chegar”. Quer dizer, nós já estávamos sendo massacrados e havia uma elite cuiabana burra que achava que a ditadura não tinha chegado aqui. Existem muitos companheiros que deveriam estar aqui e não estão. O Dr. Antero de Almeida, o Sr. José Anibal Bouret, o Dr. Silva Freire, que já faleceu, esse grande poeta da cuiabania, e dezenas de companheiros, como o Ronaldo de Castro, que foi uma pessoa muito importante, e era o nosso redator. Quando tinha que ser redigido um documento revolucionário, ele, em cinco, dez minutos, aprontava esse documento.

Nós continuamos a nossa caminhada. Estamos numa sala de aula, dando aula para alunos do ensino médio, que andam 30km de distância para estudar à noite, chegam em casa uma, duas horas da manhã e às cinco horas, às seis horas da manhã, já estão na roça. Nós nos sentimos bastante felizes com esse tipo de trabalho que realizamos.

Podíamos falar mais alguma coisa, porque existem algumas histórias que os próprios cuiabanos desconhecem. Quando houve o golpe na noite do dia 29 para o dia 30, eu havia começado a estudar, pois já comecei a estudar depois de adulto pois nasci e me criei no Pantanal. Então, nós nos reunimos num determinado lugar e nesse momento participou o Senador Carlos Bezerra, que deveria estar aqui também. Mas, no momento mais difícil, eu tenho assim uma coisa que o meu xará Bezerra, o meu amigo do peito, nunca está presente nesses momentos. Essa é uma crítica que eu faço a esse companheiro, a quem eu ainda conheci sem nenhum cabelo no rosto, sem barba nenhuma, no tempo em que ele ainda era bem jovem, na ACES.

Mas, na noite do dia 29, nós nos reunimos no Porto, e definimos que organizaríamos uma resistência armada na região de Rondonópolis e Jaciara, e para lá nós nos dirigimos. Foi um momento bastante difícil para todos os companheiros. Esteve, nesse momento, o Carlos Bezerra, o Zoroastro, que também hoje nem me conhece, talvez até por medo, esse grande criminalista de Mato Grosso, mineiro, que aderiu a Mato Grosso. Quando eu fiz Direito na Universidade, os meus colegas me falavam: “Carlos Reiners, aqui na faculdade nós somos amigos, mas lá fora você não me cumprimenta, porque se não pode me prejudicar”.

Então, quando eu me formei, até tive uma grata satisfação, pois dos únicos amigos que eu tinha, o que foi lá me abraçar, naquele momento, foi Silva Freire. Isso jamais eu esquecerei!

Muitos daqueles colegas tiveram medo de me convidar para que eu pudesse trabalhar com eles nos escritórios, com medo em função de eu ter sido preso como comunista, e continuo até hoje comunista, comunista dentro de um mundo moderno, totalmente diferente.

Eu até faço uma crítica aos companheiros de Esquerda que até hoje não foram capazes de montar uma proposta para que nós possamos alavancar este País (PALMAS).

O nosso sociólogo Príncipe se uniu à Direita mais assassina deste país, e está aí colocando o seu projeto em prática, inclusive até a Rede Vida, que é uma rede da Igreja Católica, anteontem, estava com um fundo com a Bandeira Nacional e uma moça muito bonita falando do perigo de golpe. Ninguém pensa em golpe!. Quem está pensando em golpe é o próprio Fernando Henrique Cardoso.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

Eu fiz um pronunciamento à frente de alguns militares em Mimoso, no dia 5 de maio, e fui até cumprimentado por eles. Porque a Pátria, o Brasil está em perigo, e muito de nós desconhecemos isso.

A Colômbia está sendo invadida. Trezentos soldados americanos já desceram na Colômbia, cem do FBI e duzentos da CIA, e já estão lá. Muito em breve os americanos vão, juntamente com outros países - eu acredito que hoje nós perdemos a nossa soberania - aderir e naturalmente os soldados brasileiros vão ter que matar os nossos irmãos colombianos. E aí, será que nós vamos ficar quietos? Eu mesmo, com essa idade, com essa tremedeira, não vacilarei nenhum segundo, para retornar à luta...(APLAUSOS) ...E é esse chamamento que eu procuro fazer, principalmente aos jovens, porque, hoje, a mídia que está aí, que transtorna as pessoas, faz com que as pessoas percam o rumo: a Globo e outras que estão aí. Esse pessoal da Igreja Universal do Reino de Deus, que procura manietar a cabeça de nossos jovens, não fazendo uma crítica no sentido religioso, mas a esse movimento que pode causar um perigo muito grande ao Brasil.

Finalizando, quero lembrar que dessa vez que nós estivemos nessa região, nós ficamos quinze dias lá, com duzentos e cinqüenta soldados de Cáceres na nossa culatra. Os dois últimos que abandonaram a luta foram eu e o Dr. Antero - a minha esposa está aqui de testemunha - nós sofremos bastante, fui preso no dia 16 de abril por um policial que depois veio a ser um agente de informação da Universidade Federal, Sr. Juvenal. Depois que nós saímos da prisão, nós continuamos com a luta. Em momento algum nós paramos. O meu trabalho foi mais o trabalho de dar segurança àqueles companheiros que vinham refugiados para Cuiabá.

Aproveitando que a D. Iara é da Comissão, quero lembrar de uma das pessoas que estive na nossa casa, na loja da Rua Treze, Casa Reiners, o Nestor Guerra, que é um dos desaparecidos da ditadura, sendo que até hoje não foi encontrado. Foi meu grande amigo, um grande companheiro.

E outro fato do qual eu tenho falado algumas vezes é a passagem do Che Guevara, aqui por Cuiabá. Eu fui conversar com o Jacob Korendi e ele até me humilhou falando, eu fiquei até admirado de um homem do nível cultural dele, e que foi um grande revolucionário, falar o que Che vinha fazer num lugar como Mato Grosso. Mas houve um motivo. Eu vou aproveitar para que os jovens que estão aí também saibam.

Nesta época, o Darci Ribeiro esteve em Cuba e fez um acordo lá para que fossem treinados aqueles marinheiros da Almirante Aragão. Esses marinheiros, depois de treinados, vieram para Mato Grosso, e escolheram Paranatinga para criar um foco de guerrilha e lá ficaram. E o meu irmão Jescelino Reiners, que foi professor e um dos fundadores da Universidade - inclusive eu tenho lido alguns livros da Universidade e nenhum fala sobre Jescelino, que também foi uma vítima da Ditadura, pois não agüentou a prisão e morreu com uma úlcera. E, na época, um dos companheiros que já estava em Paranatinga foi descoberto por causa do trabalho dele que tomava todos os clientes dos médicos.

Então, logo desconfiaram que ele poderia ser um revolucionário e a polícia bateu em cima deles e esses marinheiros tiveram que vir aqui para Cuiabá. O Jescelino morava na Travessa João Dias, numa casa do Dr. Leonir, e para lá foram os cinco "monstros" de marinheiros. E um deles pegou uma diarreia, e o Jescelino ficou desesperado para cuidar desse rapaz. Foi procurar diversos médicos e esses médicos se negaram. E um médico, que eu vou citar o nome dele, não tenho medo de mais tarde ele até...- foi o Dr. Benedito Canavarros

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

o médico que foi lá e deu a consulta e jamais denunciou aqueles elementos. Porque se tivesse havido uma denúncia, o meu irmão teria sido morto naquele mesmo dia numa casinha pequenininha, onde só tinha dois quartos.

Outro companheiro que esteve aqui num sofrimento danado foi Carlos Olavo, irmão do Simão da Cunha, um Deputado de Minas Gerais. Esse deu um grande trabalho para nós cuiabanos, porque ele ficou numa casa lá na Rua do Caixão, e eu tinha que todo dia levar comida para ele. Cada dia eu ia por uma rua.

E a gente não pode deixar de lembrar do Barroso, velho Barroso...

Alguns cuiabanos mais antigos devem se lembrar, na época do Getúlio Vargas - e hoje se comemora a morte do Getúlio Vargas - que o Barroso cedeu a casa dele sem cobrar um centavo. E o Carlos ficou uns quatro meses lá nesse lugar.

Tem mais um outro rapaz que deve ser conhecido do Dr. Gilney, e depois até veio a ser Secretário de Vias Públicas da Erundina, que é o Dr. Delmar Marchi, que foi um grande companheiro com quem nós organizamos e tentamos montar um foco de guerrilha aqui na região de Porto Estrela, mas infelizmente não fomos capazes, porque nós comunistas, sempre estivemos alienados, nós nunca pensamos por nós mesmos, sempre pensávamos em função do que a União Soviética fazia, e a União Soviética deu no que deu. Nós temos hoje a Rússia de quatro pés. A Besta humana está solta!

No dia em que o mundo ia acabar, eu procurei mostrar para os meus alunos e falei que não era professor de física, nem de ciência, mas podemos mostrar que do ponto de vista científico não há a mínima possibilidade do mundo acabar, mas do ponto de vista da tecnologia e da ciência, isto é possível. Falei para eles sobre os Sete Cavaleiros do Apocalipse. Aí procurei mostrar que a Besta humana são os Estados Unidos, ela que está coordenando tudo isso aí.

Eu fico agradecido por este momento aqui, e mais uma vez digo que não podemos esquecer desses nossos companheiros que tomaram na luta e daqueles que não puderam estar aqui, que estão vivos, mas que infelizmente não puderam estar aqui. E estou admirado de algumas pessoas que hoje estão no PPS, porque eu sou filho do PCB. O PCB sempre esteve a reboque da burguesia, e o PPS também hoje está a reboque da burguesia. Eu, inclusive, falei ao Dr. Gilney que hoje o PPS é uma trincheira do Fernando Henrique Cardoso (PALMAS).

Tem um vereador aqui que é meu amigo, foi meu aluno e me considera como seu mestre, e lá no Mimoso ele me escolheu como seu inimigo número um, que é o Vereador Luís Ivan Evangelista. Eu deixei este momento para fazer esse tipo de denúncia contra esse meu amigo, meu ex-aluno.

Aqui eu encerro, pedindo aos jovens que não deixem a luta. E deixo também uma mensagem aos professores, dizendo que nossos professores têm que discutir os problemas do mundo. O problema maior que nós vamos enfrentar no próximo século é o do meio ambiente e o da sexualidade. Essas são as duas grandes bandeiras que nós temos que levar avante. Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - A Presidência registra a presença do nobre Deputado Humberto Bosaipo, 1º Secretário desta Casa e o convida para assumir a 1ª Secretaria.

(O SR. DEPUTADO HUMBERTO BOSAIPO ASSUME A 1ª SECRETARIA)

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

O SR. PRESIDENTE (RENE BARBOUR) - Seguindo o nosso Regimento Interno, para esclarecimento, eu estou presidindo esta Sessão por ser o Deputado mais idoso e porque os componentes da Mesa não se encontravam presentes.

Estando aqui o 1º Vice-Presidente, Deputado Pedro Satélite, convido-o para assumir a direção do trabalhos.

(O SR. DEPUTADO PEDRO SATÉLITE ASSUME A DIREÇÃO DOS TRABALHOS, ÀS 21:14 HORAS)

O SR. PRESIDENTE (PEDRO SATÉLITE) - A Presidência registra, com prazer, a presença do nobre Deputado Amador Tut.

Com a palavra, o Sr. Gilson de Barros, ex-Deputado Federal.

O SR. GILSON DE BARROS - Exmº Sr. Deputado Pedro Satélite, Presidente da Assembléia Legislativa; Srs. Deputados Estaduais, a quem eu saúdo nas dignas pessoas do Deputado Gilney Viana e da Deputada Serys Slhessarenko; meus senhores, minhas senhoras.

O Golpe Militar de 31 de março de 1964 que, na verdade, terminou no mais solene 1º de abril, nos apanhou como sargento combatente de Infantaria do Exército, como também a outros valorosos companheiros que seguiam ou exerciam a profissão militar das mais variadas tendências políticas ideológicas. Marighella, Carlos Lamarca, Darci Rodrigues, Israel Meloti, todos nós, lá no 4º Regimento de Infantaria.

Com a minha saída para o Rio de Janeiro, para fazer o curso de pára-quedista militar, dei trégua às ações que vinha desenvolvendo em São Paulo, o Movimento dos Sargentos, do qual eu fazia parte, e o então sargento Edgar Nogueira Borges, que a imprensa chamava o temível sargento Borges. No Rio de Janeiro, aliei-me aos fuzileiros navais, nas ações que visavam à captura do Governador do Estado, Carlos Lacerda, o grande herói, inspirador da minha infância, seguindo o modelo udenista do meu velho pai Gonçalo de Barros, na ironia da vida, e me uni aos sargentos fuzileiros navais, participando com eles de todas as atividades dos movimentos dos sargentos e que futuramente serviram de pretexto para que a extrema Direita, no generalato, usasse daquilo para perpetrar o golpe contra a democracia brasileira.

Em 1979, quando o General de plantão na Presidência da República mandou ao Congresso Nacional a sua mensagem para a anistia, esse fato histórico nos encontrou como Deputado Federal brasileiro mandado para lá - pelo amor de Deus - não por ter comprado votos, como usualmente se faz hoje, mas por ter sido votado pela parte livre do eleitorado no nosso Estado. E nós fazemos questão de frisar isto porque houve época em que se ganhava eleições, como há a época atual onde se compra mandatos. A anistia mandada pelo General de plantão na Presidência da República não era absolutamente aquela exigida pelo MDB e pelas forças vivas da Nação brasileira.

Como nós temos no nosso arquivo alguns dos livros de nossa autoria, contendo matérias diversas, inclusive daquela época, nós achamos neste o aparte que formulamos ao Deputado José Freire e o aparte que formulamos ao Deputado Fernando Coelho, onde resplandece que o Projeto mandado pelo Congresso não era aquele que era do MDB e era consentâneo com o pensamento da Nação brasileira.

O nosso aparte dizia assim: “Permita-me, nobre Deputado, como sempre ocupa V. Exª a tribuna de modo brilhante, focalizando, sem dúvida alguma, assuntos dos mais momentosos: a anistia...”

Meu Projeto estava em andamento na Casa.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

“...Veja V. Ex^a que ponderáveis setores do Governo insistem em que essa anistia não pode ser ampla, geral e irrestrita, tal como propugna o MDB. Alegam mil justificativas e farisáicas razões. Dizem, por exemplo, que não é justo que se dê anistia aos assaltantes de bancos. No entanto, alguns setores concordam que se anistie os corruptos, que, aliás, não repuseram o que roubaram dos cofres públicos, porque perderam apenas o mandato ou tiveram seus direitos políticos suspensos por 10 anos; mas não devolveram aos cofres públicos as quantias surrupiadas. E veja, V. Ex^a, que, quando falam nos chamados crimes de sangue, nas violências, esquecem-se de que muitos outros que perpetraram essas violências, ao longo da nossa história, foram anistiados, foram anistiados, mas por estadistas.

Veja que paradoxo! Como é que se vai acalmar a família brasileira com anistia parcial? Pergunto: será possível que este Governo pretenda que recrudesça, a cada instante, a luta contra os torturadores? Porque, se esta anistia não for ampla, geral e irrestrita, ponderáveis segmentos da sociedade brasileira haverão de se articular a partir do instante em que o projeto vier para esta Casa, para que se puna os torturadores.

Haverá neste País uma campanha para que cada torturado puna, por suas próprias mãos, os seus torturadores, porque a tortura, nobre Deputado, permite um crime muito mais hediondo, horrível, imoral e covarde, do que os assassinatos políticos, porque os jovens, como bem frisou o nobre Deputado Adhemar Santillo, tiveram de apelar para as armas, porque lhes tiraram todos os direitos de luta, democraticamente falando.

Agora, pergunto: como é que um torturador, um cidadão covarde, normalmente imbecil, espanca violentamente e sevicia um homem rendido, algemado, no cárcere? Será que não vai haver punição para esse homem? Ora, se alguns tipos de criminosos dessa guerra política não podem ser anistiados, muito menos o poderão os torturadores. Eles sempre nos terão pela frente. Não conseguirá, jamais, a paz neste País, a não ser pela via da anistia ampla, geral e irrestrita. Congratulo-me com o brilhante pronunciamento de V. Ex^a, nestes dias decisivos da vida nacional pelo que diz respeito a anistia para o povo brasileiro.”

Alguns dias depois, ocupando a tribuna da Comissão de Liderança o Deputado Fernando Coelho, do Estado de Pernambuco, apresentamos outro aparte.

“Deputado Fernando Coelho, o Governo finge atender a uma das antigas reivindicações do MDB e de todos os demais segmentos da Oposição brasileira. Finge atender, mandando para cá uma anistia capenga, parcial, restrita e tendenciosa, e isto porque o sistema que governa de fora este país, valendo-se da ditadura militar que, se tem força para oprimir o povo, não consegue fugir dos grilhões daqueles que a mantém atrelada aos seus interesses, o sistema lá fora, repito, já não consegue mais, a esta altura, resistir às pressões incontidas da Nação brasileira que reclama exaustivamente o reencontro do Governo com o povo.

Pretender agora o partido do Governo, não o partido no Governo, seja essa anistia fruto de sua iniciativa, é simplesmente absurdo, tendo em vista os incontáveis fatos a que a história política brasileira dos últimos tempos tem presenciado.

Negou a ARENA tudo, inclusive a aprovação de um projeto cujo objetivo era dar ao Congresso Nacional a prerrogativa para conceder a anistia, o único esquecimento que realmente pudesse definir a anistia, porque entendemos ser ilógica e antifilosófica uma anistia parcial e restrita. A anistia existe, ou não existe. Ou se esquece alguma coisa, ou não se

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

esquece. A anistia é desse tipo de mercadoria homogênea, que não pode ser vendida em partes nem frações.

Quero também aproveitar o brilhante pronunciamento de V. Ex^a para realçar entre os últimos acontecimentos um fato que envolve a nossa anistia, qual seja a censura feita pelo Exm^o Sr. Gal. Presidente do Superior Tribunal Militar a um Senador da República por ter visitado patricios nossos encarcerados, hoje, nas masmorras da ditadura, para vergonha nossa.

Estranhava essa atitude, nobre Deputado, já que S. Ex^a que hoje preside aquele tribunal, como é público e notório, teve questionada a validade da sua investidura naquele caso.

A Nação acompanhou, e não esquece, determinadas particularidades, que, se não justificaram, pelo menos explicaram a sua ascensão a Presidente da Suprema Corte da Justiça Militar.

Agora, vem esse ofício que, se não é raro, pelo menos é reconhecidamente estranhável para a opinião pública brasileira a qual deseja ver andando, como nós, livremente pelas ruas aqueles nossos irmãos que, pressionados pelo terrorismo e imposto ao País pelo Governo, pelo terrorismo ditado pelo Governo, pelo terrorismo criado pelo Governo, reagiram com armas, no intuito puro de pregar suas idéias e defender seus direitos e seus pensamentos políticos.

É este o fato que pretendo, faça parte do discurso de V. Ex^a, nobre Deputado Fernando Coelho.”

O Sr. Fernando agradeceu e incorporou o aparte.

Naquele tempo, o coordenador da Bancada do MDB de Mato Grosso, na verdade dois companheiros, eu e Carlos Bezerra, nós tínhamos como uma atividade subsidiária a missão de conquistar votos. E procurando, dentro da ARENA, assim como Diógenes saía com a sua lanterna procurando um homem honesto nas ruas de Roma, nós tentávamos também achar dentro da ARENA um homem que fosse honesto e que tivesse vergonha na cara para votar conosco aquela anistia capenga e até insolente. Porém, já é alguma coisa, como bem frisou aqui essa mulher maravilhosa, Iara Xavier, já era alguma coisa para quem não tem nada.

Nós registramos aqui o nosso aparte ao Deputado Haroldo Sanfor, Coronel do Exército, Deputado Federal pelo Estado do Ceará, que foi um daqueles que, mesmo pertencendo à Aliança Renovadora Nacional, mesmo pertencendo à ARENA, tinha brilho, vergonha, testículo, era macho, e votou conosco, sendo um dos 194 votos que conseguimos produzir o pequenino MDB, lá no Congresso Nacional, cercado pelas tropas do Exército e pelos fuzileiros navais. Mas, dentro, ali nas galerias, estavam os companheiros do MR-8, do PCB - mas o PCB daquele tempo, prestem atenção, não vão confundir essas evoluções - e lá estavam eles, os lutadores e os apóstolos da liberdade a nos dar força e, por que não dizer, até garantia de vida.

Momentos difíceis, cruciais, dolorosos, que nos remetiam a algumas preocupações. Por causa desse aparte, onde nós questionávamos a autoridade moral de um general para presidir o Superior Tribunal Militar deste país pagou a minha família, ouvindo telefonemas ameaçadores, o que já não era muito sem razão, porque esses meus oito anos de Brasil, depois que começaram a me chamar de Huck, e que servia para provocações e ameaças de todos os tipos transformando a nossa vida em família num verdadeiro inferno.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

Dava-nos força, sim, as presenças constantes daqueles que nos apoiavam de fora, das minorias isoladas, mas firmes, duras, viris, patrióticas, porque, se não fosse isso, nem sei o que poderíamos fazer nós, os que estávamos à frente lá no Congresso, com obrigação de resgatar as supremas aspirações do povo brasileiro.

Nós, que somos uma nação que pouco lutamos, Sr. Presidente, por aquilo que conseguimos, nós que conseguimos uma independência praticamente de graça, passada de pai para filho: “Pegue esta coroa antes que algum aventureiro o faça”. Nós que conseguimos uma república de graça, quando o próprio General ainda beija-mão, pois todos os dias beijava o anel do Imperador, como um capacho, joga o seu bonezinho e hoje é herói, o Marechal Deodoro, e ganhamos uma república sem luta. A libertação dos escravos, que não custou nada a não ser na boca fácil de intelectuais deste país, porque nós não lutamos e lutamos muito pouco por ela, pela abolição. São mentiras, essas histórias são exageradas quando pretendem criar e fabricar nos laboratórios do subjetivismo o heroísmo que não houve, a não ser em tão poucos casos, como o dos Quilombos dos Palmares.

Nós, Sr. Presidente, que não temos quase história, que somos um povo acostumado a resolver tudo na mansidão do acerto, do arranjo, como ainda hoje. Tivemos, naqueles instantes, aí sim, momentos dramáticos de sofrimento, irmãos de luta regressam das Forças Armadas, onde tinham deixado grandes e valorosos companheiros entre sargentos de infantaria e os fuzileiros navais do Rio de Janeiro, deles ouvi histórias de terror e de abusos!

A impressão que se tem é que uma Sessão como esta, requerida pelo Deputado Gilney Viana, tem muita razão de ser, porque traz à consciência, porque reativa, porque redime, porque desperta nas consciências adormecidas a necessidade de cada um sentir-se obrigado a participar. A Pátria é de todos!

Durante os últimos tempos que estivemos no Exército, nós fomos brindados com dezoito cadeias, como hoje temos dezoito processos nas costas, nas Varas criminais, e onze por delito de imprensa. E, para mim, não há *curriculum* maior do que este, porque a prisão, se nunca nos agradou, também não nos intimida.

Mas nós queremos aqui falar das outras prisões, daqueles que foram punidos não por terem violado o Regulamento Disciplinar do Exército - o RDE - como nós, como o Sargento Borges, como o Sargento Israel, o Bellote e o Darci, mas dos outros companheiros que, como Lamarca, cuja lembrança guardo até hoje no queixo, uma lembrança física de garrafa de coca-cola, foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.

Homenagem se faz aos presos que sofreram torturas, justamente por pedirem liberdade para todos! A nossa presença aqui, portanto, se explica para atender este grandioso convite, irrecusável, para que viéssemos, por um instante, rememorar momentos decisivos da nossa história, rememorar os feitos daqueles que, como o orador que me antecedeu, o meu vizinho lá na bucólica Mimoso, este humilde, porém poderoso Professor Carlos Reiners, cuja atitude é um exemplo vivo para seus alunos pantaneiros.

Queremos também registrar aqui um fato que nós testemunhamos, quando por alguns instantes, imediatamente após o Golpe de 1º de Abril, ainda no Exército, colocaram-me na situação de carcereiro. Hospedávamos nos cubículos homens como Agrícola Paes de Barros, José Aníbal de Souza Bouret, Benedito Santana da Silva Frei, Jescelino Reiners, Carlos Reiners e tantos outros. Numa certa manhã, por volta das 10:00 horas, fui chamado para ir ao Comando para uma missão. A missão era galhofa. Eu e o Sargento Machado, na verdade, estávamos presos, e assistimos parte do interrogatório de um dos presos, o Dr. Antero

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

de Almeida. O Capitão Barros - vejam bem, tem vários tipos de “barros”, esse é de outro tipo, vindo de Cáceres - interrogava o preso e dizia: “Você é comunista? O Antero respondeu: “Sim, eu sou um comunista convicto.” “E você” - com o perdão da palavra anti-regimental - “seu filho da puta, tem coragem de dizer, na minha frente, que é comunista?” O Antero abaixou a cabeça e respondeu com uma outra pergunta: “E o Sr. Capitão, é capitalista, imperialista, defende isso tudo que está aí?” “Bom, mas é claro, eu sou oficial do Exército, um democrata.” “E, o Senhor, tem coragem, na minha frente, de dizer que defende toda essa sujeira?”

O Capitão Barros avançou para bater e foi impedido de fazer isso pelo Major Andrade. Nós apenas assistimos. O que pode um cachorro pequeno fazer diante de uma briga de cachorro grande? A não ser esperar que algum osso possa sair fora para então poder fazer alguma coisa.

Mas houve heroísmo, dignidade, decência, pessoas que - como disse aqui a Iara - deram o primeiro passo, pequeno, sem dúvida, bem menor, bem aquém daquele que gostaríamos de ter dado. Porém, uma Nação se faz assim, juntando aos poucos o suor, as lágrimas e o sangue daqueles que têm vergonha na cara.

Muito obrigado, Sr. Presidente (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (PEDRO SATÉLITE) - Esta Presidência convida, com muita honra, para fazer uso da palavra, o brilhante nobre Deputado Gilney Viana, autor do Requerimento que solicitou a realização desta Sessão Solene em comemoração aos 20 anos de anistia política.

Com a palavra, o Deputado Gilney Viana, que fará uso da palavra em nome dos demais Srs. Deputados.

O SR. GILNEY VIANA - Sr. Presidente, Sr^a Deputada e Srs. Deputados, companheiros de jornada, uma jornada que começou ontem, que não termina hoje e que ainda continuará por muitos anos.

Eu agradeço, inicialmente, a cessão da palavra ao Deputado Rene Barbour, que muito gentilmente nos possibilita que façamos uso regimental da palavra e, também, os demais Srs. Deputados que concordaram com isso.

Atendo-me ao espírito da nossa Sessão Solene, que é recuperar do esquecimento um fato histórico da maior importância, com seus precedentes, com seus conseqüentes ou subseqüentes, nós queremos recuperar alguns lances os quais nós presenciamos e vivenciamos e, finalmente, fazer algumas considerações de como eu vejo tudo isso 20 anos depois.

Eu farei a recuperação histórica de alguns lances, de alguns momentos, para homenagear algumas pessoas, alguns companheiros, que nem sempre são lembrados.

No dia 30 de abril, ou 15 de abril, se não me engano, oficiais da Inteligência do Exército e da Marinha invadiram a minha casa, isso em 1964, e lá encontraram meu pai, meu irmão e minha irmã e perguntaram pelo Gilney Viana. O meu pai, que era um udenista ingênuo, conservador, e que não tinha maldade, porque ele acreditava que o golpe militar era justo, necessário, e também porque ele não tinha a percepção da própria militância do filho, perguntou para os oficiais de segurança o que queriam com o filho dele, e eles falaram que queriam conversar com ele, no caso eu, e o meu pai indicou o Banco onde eu trabalhava, onde eles poderiam me encontrar. E foi lá, no Banco, no horário de trabalho, que eles me prenderam.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

Mas isso depois de passar por interrogatórios num quartel do Exército, aliás, em dois quartéis do Exército, inclusive do Comando da Quarta Divisão, inclusive seria cômico se nós comparássemos os interrogatórios que eu sofri em 1964 com aqueles que nós sofremos no final da década de 60 e depois em 1970, não só pela violência, mas pelo nível das perguntas que eram formuladas.

Passando por cima desses fatos, não é o que interessa relatar agora, no outro dia, eles me levaram para o DOPS, de Belo Horizonte, e lá o porão estava cheio, muitas presos políticos.

Entre os presos políticos com os quais eu partilhei uma cela, estava um Deputado que eu gostaria de falar o seu nome aqui, era o Deputado Clodsmith Riani, que não era do Partido Comunistas, era do PTB. Então, não poderia ser acusado, inclusive como comunista, porque ele não era. Ele não era mesmo! E aqueles serviços inteligentes que tinham o mínimo de inteligência sabiam muito bem disso. E o Clodsmith Riani era, de uma certa forma, um símbolo da organização sindical do trabalhador e operário do Brasil, porque era Presidente da CNTI, que era a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria e era Presidente do CGT - do Comando Geral dos Trabalhadores

Pois bem, ali nós partilhamos e depois partilhamos também a penitenciária durante alguns dias. Mais tarde, depois de muita luta clandestina, de resistência armada, eu fui preso, em 18 de março de 1970 e, depois de quase dois meses do DOI - CODI nos centros de tortura, vivendo, sofrendo e vendo um pouco daquilo, quer dizer, muito do que eu vi e um pouco do que a Iara relatou, me levaram ao Sistema Penitenciário e, depois, ao Presídio da Ilha Grande, que tem uma história de suportar, de alojar, gerações de presos políticos.

Logo que eu cheguei na Ilha Grande, de cabeça raspada - tiraram as nossas roupas e nos jogaram aqueles uniformes de prisioneiros - eu tive a oportunidade de adentrar ao Presídio, tão logo passei o saguão de entrada, observei um cidadão que estava passando e eu relembrei a imagem daquele cidadão que eu tinha visto em alguma outra circunstância. Pois era o Clodsmith Riani, Presidente da CNTI-Confederal Nacional dos Trabalhadores da Indústria, e Presidente do Comando Geral dos Trabalhadores.

Eu fique chocado, porque eu esperava ali conviver com os presos políticos da resistência, não ao golpe, mas, como o Carlos Reiners aqui relatou, resistência à ditadura, particularmente à ditadura do AI-5, do Garrastazu Médici, mas lá eu estava encontrando o resistente da primeira fase da luta, que era o ex-Deputado Clodsmith Riani.

Eu me perguntei por que o Clodsmith Riani estava preso. Porque eu, na minha radicalidade, não entendia, não entendia absolutamente por que o regime militar conservava preso o ex-Deputado, o ex-líder sindical e ex-líder operário, operário mesmo, Clodsmith Riani.

Isso me intrigou muito e até hoje me intriga. Só tinha uma explicação que me vinha à memória, quer dizer, a ditadura não destrói apenas os homens, as organizações, ela precisa destruir os símbolos que, as vezes, estão personificados em algumas pessoas, e Clodsmith Riani era um símbolo. Não era um símbolo do PCB, do PC do B, da AP, da POLOP, da JUC, da JEC, não. Ele era o símbolo, pelo menos, do que foi mitificado e até mistificado da resistência operária que, por sinal, não foi tão grande quanto nós esperávamos.

Mas lá na Ilha Grande também, Deputado Federal Gilson de Barros, estavam os militares, aqueles fuzileiros navais, aqueles marinheiros com os quais V.Ex^a teve a oportunidade de compartilhar como PQD, e lá eu aprendi a conviver com os militares, e eram

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

centenas. E eram aqueles que, em 28 de março de 1964, quando os generais já anunciavam o Golpe, ousaram se rebelar. Ainda que uma liderança equivocada e provocadora, pois depois nós sabemos que um agente da CIA estivesse infiltrado no meio deles, que era o Cabo Anselmo, mas não tinha só Cabo Anselmo ali, não. Ali tinha muitos guerreiros que pagaram com a vida. Então, ali eu percebi que tinha uma geração de resistentes que se fundia com a nossa geração.

Durante algum tempo, eu aprendi com eles o que foi aquela primeira experiência de resistência antes do Golpe, quando os generais, já não confiando na tropa do Exército, mobilizaram os fuzileiros navais para prender os marinheiros, e, num gesto digno de um filme épico, os marinheiros foram lá e depuseram as armas.

Quer dizer, tem uns lances lindos produzidos pelos militares da resistência. E isso eu gostaria de resgatar aqui, inclusive em sua homenagem, Gilson de Barros, porque nós somos duros na crítica, particularmente com aqueles que são responsáveis pela tortura, pelos assassinatos, mas não podemos ser econômicos no elogio, quando os atos heróicos são praticados por agentes do próprio Estado

Então, os tempos passaram e são anos de DOI -CODI, anos de prisão militar, anos de resistência nos cárceres. Os cárceres tinham uma história pouco contada e aqui está a Prof^a Lílian Guedes. A Prof^a Lílian Guedes foi presa lá no Bom Pastor - quando a gente fala lá no Bom Pastor fica parecendo que é uma casa de moças - uma casa de moças prisioneiras, de guerrilheiras, de lutadoras, e eu conheci a Lílian Guedes nessa época, por carta, porque elas eram muito expansivas e escreviam lá para os prisioneiros da penitenciária, onde eu fiquei sete anos lá, uma penitenciária lá no meio do mato, onde você tinha direito a uma visita por mês, assim mesmo cedida pelo Major do Exército da 5^a Seção, controlada pelos guardas e separados por duas grades que hoje chamam de parlatório.

Então, passaram esses tantos anos até que nós que estávamos, vamos dizer assim, curtindo a cadeia, curtindo obrigatoriamente, sendo curtido, temperado numa resistência - eu digo que pouca gente conhece a resistência no cárcere - até que se desanuviou, e não foi fruto nosso - particularmente nós presos temos que render as nossas homenagens - foi de uma geração nova que foi surgindo, foi surgindo e, aqueles que acreditavam em Deus, davam graças a Deus, aqueles que acreditavam em qualquer elemento, Deus *ex magna*, que pudesse conduzir a história, já estavam vendo, antevendo qualquer mudança e surgiu gente que não foi fruto nem da nossa geração diante do bloco, Carlos Reiners, nem daquela geração de 68. Surgiu uma geração de 78, de 79 e essa geração conduziu a luta pela anistia. É claro, remontando uma geração sobre a outra, mas com o aporte de gente jovem, gente nova do Movimento Sindical, do Movimento Operário, inclusive, de Luís Inácio Lula da Silva.

Nesta luta pela anistia, no dia 21 de agosto de 1979, foi produzido aqui um comício na Praça da República. Naquela ocasião, não só o pessoal da Esquerda, mas o pessoal do MDB autêntico, é bom que se registre, estava lá. O Gilson de Barros, o Bezerra, o Edgar, estava lá também o Dante de Oliveira, que foi um agente importante nessa mobilização, não obstante quaisquer julgamento ou juízo que nós possamos ter hoje.

Então, gritava aqui o Lula, na Praça da República, falando de uma manchete do *Diário de Cuiabá*: “O Regime não pode mais endurecer”. O Figueiredo tinha essa mania de dizer: “Vai endurecer, vai endurecer”! Toda vez que havia uma manifestação de rua, sindical ou greve, ele costumava falar isso. E o Lula estava contrapondo ao Figueiredo, falando que o

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

regime não tem mais como endurecer, nem porque. O regime estava literalmente sendo batido, não pelas armas como nós outros gostaríamos que tivesse sido, mas, simplesmente, por uma nova consciência política que estava se formando, para a qual nós contribuímos, sim, para a qual esses companheiros enumerados pela Iara, pelo Reiners, pelo Gilson e por outros que não falaram, que tem na cabeça a sua própria lista, contribuíram. Mas, é bom que se diga, foi muito bom saber que tinha uma geração nova, pensando no Brasil liberto da ditadura, onde os partidos políticos pudessem funcionar, onde os sindicatos pudessem ter autonomia, onde a palavra fosse respeitada, inclusive, a palavra do Parlamentar, onde nós pudessemos nos reunir, como estamos reunidos aqui e falar o que bem nós entendêssemos ou que bem entendemos.

Então, eu recupero o Dia da Anistia sim, e vou caminhando pelos finalmente!

Quando o Governo, nessa nova conjuntura que estava se esboçando, mandou o projeto de lei para o Congresso Nacional, eu já tinha sido transferido do Presídio de Linhares, do subúrbio, na zona rural de Juiz de Fora, para o Presídio Milton Dias Moreira, que era o presídio político, lá do Rio de Janeiro, na Rua Frei Caneca. Quando fui para lá, em meados de 1977, nós já tínhamos articulado e os movimentos de anistia, particularmente, não tinha o CBA, mas tinha o Movimento Feminino pela anistia. Inclusive, com algumas mulheres maravilhosas, que tinham vislumbre de futuro, de perspectiva, que nós com a nossa radicalidade não tínhamos. E eu me permito citar o nome da Sr^a Terezinha Zerbini, mulher de um general cassado, o General Zerbini, que é parente do Dr. Zerbini, um cirurgião muito conhecido. Também muitas outras, como a dona Helena Greco, como a Dr^a Eni Raimundo, como o Sr. Luiz Eduardo Grenhald, como muitos outros, formaram todo um caudal, capitanearam uma idéia-força contra a qual o regime militar não tinha mais como suportar. E, naquela ocasião, nós, como presos político, já com nove anos e quatro meses de prisão - eu fiz as contas em dias, foram 3.443 dias, como o prisioneiro gosta de contar os dias, às vezes não gosta, é apenas um modo de exercitar, sentir-se vivo - nós promovemos uma greve de fome, uma greve de fome nacional. Então todos os presídios entraram em greve de fome, e eu estava estabelecido lá no presídio político do Rio de Janeiro, e tive a honra de ser um dos coordenadores desse movimento, nós passamos trinta e dois dias, entramos no trigésimo terceiro dia sem comer.

Quando foi votado o Projeto lá no Congresso Nacional, votação primeiro na Câmara, como é no Regimento lá, nós fomos derrotados, boa parte daqueles companheiros que partilhava de fora o cárcere com a gente estava lá na rampa do Congresso, eles estavam nas galerias, enfrentando as últimas manifestações da linha dura, que ameaçando deu tiro, jogou bomba, que ocupou as galerias com oficiais e com milicos, pobres soldados que mal sabiam o que estavam fazendo.

Naquela ocasião, houve homens, mulheres que foram mais do que um indivíduo pode ser, quer dizer, representavam uma certa consciência nacional e ultrapassaram seus limites, porque em certos momentos históricos nós ultrapassamos os limites das nossas forças, nós damos mais do que temos E existiu homens que fizeram isso, inclusive do MDB, inclusive da ARENA, como assinalou o Sr. Gilson de Barros. E dentre esses homens tem um que nós não podemos deixar de citar, porque ele é o protótipo de dignidade, de superação da sua classe, das limitações políticas, inclusive do seu mandato, dos seus compromissos históricos, que foi o Senador Teotônio Vilela.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

O Senador Teotônio Vilela era usineiro de muitas décadas, de tradição, usineiro das Alagoas. Era um liberal, um liberal! Desculpem-me aqui, não era um neoliberal. Por favor, particularmente os mais jovens, ele era um liberal, um liberal à antiga! Era um homem que tinha apoiado o golpe militar, que foi da ARENA e depois do MDB. Então, era um homem abastado, ligado às oligarquias nordestinas. Quer dizer, um homem com essas origens teve a coragem de visitar todos os presídios políticos, de abrir as portas, e mais do que abrir as portas, teve a coragem de dizer duas ou três palavrinhas que foram fundamentais, particularmente, para nós, presos políticos, e, certamente, para nós que participamos da resistência armada. Fundamentais! Ele nos visitou mais de uma vez, e quando ele saiu da cadeia - isso foi lá no presídio do Rio, e repetiu isso no Presídio do Barro Branco, em São Paulo - ele disse: “Nos cárceres, não encontrei terroristas...” Que era como nos chamavam. “...Eu encontrei cidadãos que querem participar da vida política nacional”. Então, todo aquele discurso oficial de desqualificar a luta armada com o pseudônimo, com o epíteto, de terrorismo foi desmontado com uma frase de uma personalidade que não tinha nada a ver com a resistência armada, mas tinha, sim, com a resistência democrática nessa nova fase.

Então, o Teotônio era um homem digno. Teotônio Vilela - eu digo particularmente para os mais jovens - não pode, não deve, e nunca será esquecido, porque nós, que honramos os nossos mortos, nós que choramos a sua memória, nós temos que ser justos, nós temos que ser honestos conosco mesmos, nós temos que partilhar a honra de ter lutado contra a ditadura e ter derrotado com a ajuda, com a participação, às vezes até mais relevante que a nossa, de homens que vieram da ARENA, que passaram pelo MDB e que tiveram a coragem histórica de falar para a ditadura: “Basta”

Quando votou-se o Projeto da Anistia, e ele foi aprovado, e não foi aprovado o Substitutivo do MDB, que era o que contemplava a anistia ampla, geral e irrestrita, lá estava no gabinete do Senador Teotônio Vilela a Iara Xavier, lá estavam outros companheiros da Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos, lá estava a Suzana Lisboa, lá estavam os dirigentes dos CBAs, que eram os Comitês Brasileiros da Anistia, e do Movimento Feminino pela Anistia. O Teotônio Vilela era um homem tão digno que teve a preocupação - e um pouco também ajudado pela presença das mães, das mulheres, dos pais dos presos políticos, dos mortos e desaparecidos, dos banidos, perseguidos - de telefonar lá para o presídio político, e ele falou para mim e falou para o Cipriano, que éramos os contatos, por assim dizer: “Nós perdemos a votação! Mas vocês que estão excluídos, vocês, presos políticos, fiquem tranquilos, meus filhos, vocês não vão ficar na cadeia. A ditadura...”. Ele não usava essa expressão, ele falou assim: “O regime não tem mais condições de manter os presos.”

E nós, que ficamos angustiados porque fomos excluídos da anistia política, queríamos acreditar na assertiva do Teotônio, mas nós éramos muito descrentes, porque nós tínhamos sofrido muito. Muito mesmo! Nós tínhamos muitas promessas não cumpridas, seja da justiça, seja do movimento político, então, nós tínhamos um pé atrás, mas nós temos que fazer uma revisão. Ele estava certo! A anistia política, mesmo restrita, mesmo parcial, inevitavelmente anunciou o fim da ditadura militar. Depois, veio a campanha pelas Diretas, posteriormente veio a Constituinte, e ela se desmilingüiu.

Não fomos nós da primeira resistência, não fomos nós da resistência de rua, de armas, de 68, depois da década de 70, da guerrilha urbana e da guerrilha rural, não fomos nós que coroamos, mas fomos nós todos, junto com a geração de 78, 79 e 80 que conseguimos conquistar a Democracia.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA SESSÃO SOLENE EM COMEMORAÇÃO AOS 20 ANOS DA ANISTIA, DIA 24 DE
AGOSTO DE 1999, ÀS 20:00 HORAS.

Então, quando nós comemoramos o 20º aniversário da Anistia, nós ficamos muito sensibilizados em contar alguns fatos, e não toda a história. Mas nós tivemos a preocupação de ver várias versões da história, várias passagens que podem nos dar uma noção, não obstante os donos do Poder e uma certa intelectualidade só contem a história dos vencedores a uma história dos vencidos. É isso que nós executamos aqui. Muito obrigado (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (PEDRO SATÉLITE) - A Presidência cumprimenta o nobre Deputado Everaldo Simões que, neste momento, ocupa a 1ª Secretaria, a Deputada Serys Shessarenko que ocupa a 2ª Secretaria, e também, não poderíamos deixar de cumprimentar, o Deputado Zé Carlos do Pátio, bem como o ex-Deputado Gilson de Barros, que explanou aqui e contou sua história de luta e, com certeza, vai ajudar a resgatar aquilo que não está perdido e que nos engrandece e engrandece muito este Parlamento.

Queremos cumprimentar também o Sr. Carlos Reiners que com muita humildade e com sábias palavras deixou algo gravado, Deputado Gilney Viana, em nossa mente. Tenho certeza que ele deu uma grande contribuição para que a democracia, no dia-a-dia, fosse se concretizando em nosso Estado, em nosso País.

E a V. Exª, Deputado Gilney Viana, eu quero aqui, através desta Presidência, parabenizar por ter tido esta iniciativa de fazer esse Requerimento para que pudéssemos comemorar os vinte anos da anistia política aqui em nosso Estado e na nossa Pátria. Com certeza, nós estamos resgatando a história do nosso Estado e do nosso País.

Com certeza, ficará registrado nos Anais desta Casa e, daqui a mais alguns anos, Deputado Gilney Viana, nós poderemos nos orgulhar de ter dado uma pequena contribuição àqueles que vierem após nós, fazendo esta Sessão Solene.

Antes de encerrar esta Sessão, nós gostaríamos de convidar a todos os presentes para que em pé possamos ouvir o Hino do Estado de Mato Grosso.
(NESTE MOMENTO, É EXECUTADO O HINO DO ESTADO DE MATO GROSSO.)

O SR. PRESIDENTE (PEDRO SATÉLITE) - Declaro encerrada a presente Sessão Solene. Agradeço a presença dos senhores e senhoras, das autoridades, entidades de classe, imprensa em geral.

Está encerrada a presente Sessão.(LEVANTA-SE A SESSÃO)

Revisada por Maria Aparecida V. Beretta